

UFRJ: maior número de aprovados é do CAP

24 - 1992

LETICIA HELENA

Eles são o primo rico e o primo pobre da rede estadual de ensino: de um lado, o Colégio de Aplicação da Uerj (CAP), no Rio Comprido, com professores de nível universitário e uma carga horária 30% maior do que nas demais escolas públicas. De outro, a Escola Estadual Antônio Prado Júnior, na Tijuca, com pilhas de carteiras quebradas e uma carência crônica de professores. Apesar das diferenças, os dois colégios obtiveram as melhores colocações da rede estadual no vestibular da UFRJ. O CAP ficou em 1º lugar, posição que normalmente disputa com o Colégio São Bento. Já o Prado Júnior, para surpresa de sua direção, obteve o 53º lugar, superando escolas particulares como Santa Rosa de Lima e Santa Marcelina.

O **ranking** das melhores escolas teve por base os resultados dos 174 colégios que inscreveram mais de 20 alunos no concurso, sendo pelo menos cinco em cada grupo de carreiras. O CAP aprovou 62 estudantes entre 81 inscritos. Em 1991, o estabelecimento teve 1.288 alunos, taxa de evasão escolar zero e professores que receberam um piso mínimo de Cr\$ 400 mil, contra os Cr\$ 123 mil (em fevereiro) da categoria na rede estadual.

Os estudantes do CAP têm aulas em laboratórios bem equipados, participam de convênios

com instituições científicas e podem optar por uma série de oficinas. O ingresso se dá de duas formas: no CA são oferecidas 30 vagas a filhos de funcionários da Uerj e outras 30 ao público em geral, através de sorteio público. Na 5ª série os candidatos, que disputam o mesmo número de vagas, enfrentam uma prova de seleção.

— O objetivo da instituição é oferecer ao aluno uma formação integral. Por isso, ele tem diversas matérias optativas, que aumentam seu tempo de permanência na escola — explica a diretora Maria Cristina da Silva Ferreira.

No segundo colocado da rede estadual a situação é bem diferente. Com uma remuneração equivalente a um terço da que é paga pelo “primo rico”, os 247 professores se dividem em vários empregos e raramente fazem programas de reciclagem. As constantes greves da categoria também atrapalham, mas a diretora Valéria da Costa Pinheiro credits a um esforço concentrado os bons resultados no vestibular.

— Mesmo com tantas dificuldades os professores encontram maneiras de enriquecer o currículo. Este ano modificamos o sistema de avaliação final, instituindo uma prova para os alunos que até o último bimestre não tivessem nota para passar. Desta forma, todos tiveram que estudar mais e o resultado apareceu — disse.